



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 286

## CONCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE ASSUMIDAS POR PROFESSORES DE UMA “COMUNIDADE” AMAZÔNIDA BRASILEIRA

Reinaldo Eduardo da Silva Sales  
Janari da Silva Pedroso  
Ligia T. Lopes Simonian

Belém, Dezembro de 2011

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

### **Vice-reitor**

Horacio Schneider

### **Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação**

Emmanuel Zagury Tourinho

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Armin Mathis

### **Diretor Adjunto**

Fábio Carlos da Silva

### **Coordenador de Comunicação e Difusão Científica**

Silvio Lima Figueiredo

## **Conselho editorial do NAEA**

Armin Mathis

Edna Maria Ramos de Castro

Fábio Carlos da Silva

Juarez Carlos Brito Pezzuti

Luis Eduardo Aragon

Marília Ferreira Emmi

Nirvia Ravena

Oriana Trindade de Almeida

## **Setor de Editoração**

E-mail: [editora\\_naea@ufpa.br](mailto:editora_naea@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_naea@ufpa.br](http://Papers_naea@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 286

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# CONCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE ASSUMIDAS POR PROFESSORES DE UMA “COMUNIDADE” AMAZÔNIDA BRASILEIRA<sup>1</sup>

*Reinaldo Eduardo da Silva Sales<sup>2</sup>  
Janari da Silva Pedroso<sup>3</sup>  
Ligia T. Lopes Simonian<sup>4</sup>*

## **Resumo:**

Neste artigo, trata-se das concepções sobre o ambiente expressas por professores da escola de Ensino Fundamental de Pariçó, Monte Alegre, Pará. Realizou-se a pesquisa com sete professores que atuam com as disciplinas: educação física, ciências, geografia, artes e história. Ainda, considerou-se outras experiências de campo dos autores. Priorizou-se uma abordagem qualitativa com utilização do método de análise de conteúdo para a construção das categorias teóricas. Os resultados sugerem que a parte maior dos professores concebe o ambiente como sinônimo de natureza e que não inclui a dimensão humana. A partir dos dados, construiu-se três concepções de ambiente: biocêntrico (ambiente é a natureza), antropocêntrico (ambiente é o ser humano) e globalizante (ambiente é tanto a natureza como o ser humano). A análise permitiu identificar que a prática desses professores envolve atividades extraclasse e interdisciplinares, porém ainda são atividades esporádicas e pontuais que constituem ações tímidas frente aos problemas ambientais enfrentados na comunidade.

**Palavras-chave:** Concepções de professores. Ambiente. Amazônia brasileira.

## **Abstract:**

In this article, it is referred to the conceptions towards environment by professors of the School for Fundamental Teaching of Pariçó, Monte Alegre, Para. The research was done with seven professors that work with the following disciplines: physical education, sciences, geography, arts and history. Yet, other fieldwork experiences of the authors were considered. A qualitative approach was emphasized with the use of the method of analysis of topics to the construction of the theoretical categories. The results suggest that the major part of the professors conceive environment as synonymous of nature and that does not includes a human dimension. Since the data, it was built three conceptions of environment: biocêntrica (environment is nature), anthropocentric (environment is the human being) and globalizing (environment is both the nature and the human being). The analysis allowed identifying that the practice of such professors involves activities extra-classes and interdisciplinaries, though they are yet sporadic and eventual activities that constitute timid actions in face of the environmental problems faced in the community.

**Key-words:** Professors' conceptions. Environment. Brazilian Amazon.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um dos resultados da pesquisa para dissertação de mestrado de Reinaldo Eduardo da Silva Sales, intitulada “Concepção de professores sobre meio ambiente: um estudo em uma escola amazônica”, a qual foi defendida no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidad de los Pueblos de Europa Málaga-España/Consórcio Universitário Euro-Americano (Santarém, 2011. 123 f., il.); esse M. Sc. e co-autor a realizou com os professores que atuam na Escola de Ensino Fundamental de Pariçó – EEF de Pariçó, Monte Alegre – Pará.

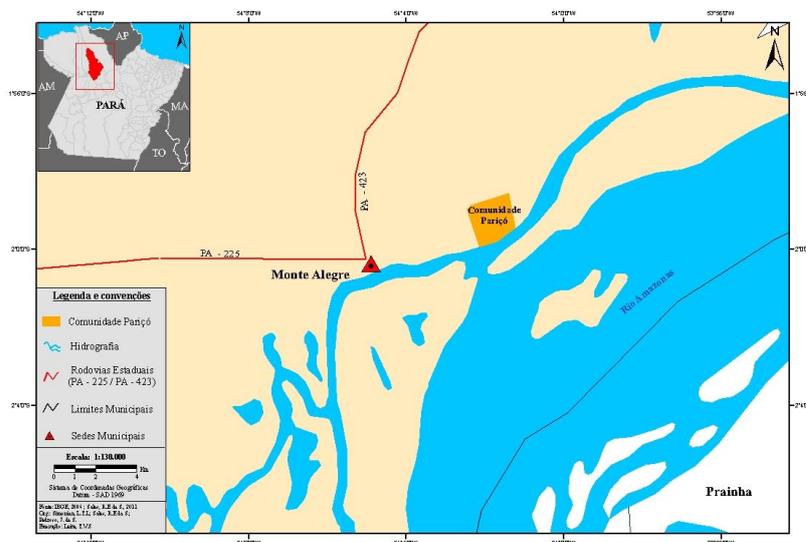
<sup>2</sup> Sociólogo e especialista em Ciências Sociais para o Ensino Médio pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad de los Pueblos de Europa – UPE, de Málaga-España. *E-mail:* mirops@bol.com.br.

<sup>3</sup> Professor Adjunto III junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PPGPC/UFPA. Doutor em Ciências Socioambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido – PPGDSTU do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/UFPA. *E-mail:* jsp@ufpa.br.

<sup>4</sup> Professora Associada III junto ao PPGDSTU/NAEA/UFPA. Ph. D. em Antropologia pela City University of New York – CUNY, Estados Unidos da América – EUA e com pós-doutorado pela mesma Universidade. *E-mail:* simonianl@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A questão ambiental emergiu nas últimas décadas e se impôs nos contextos político, social e científico. Realizou-se a pesquisa para este artigo junto a professores que atuam na EEF de Pariçó, de Monte Alegre – Pará, cuja localidade ou vila de Pariçó pode ser vista no Mapa 1. E definiu-se como temática a identificação das concepções assumidas pelos professores de ensino fundamental sobre o ambiente.



Mapa 1: A “comunidade”<sup>5</sup> de Pariçó, município de Monte Alegre, estado do Pará.

Fonte: IBGE, 2006; Pesquisa de campo de R. E. da S. Sales, 2009.

Organização: Simonian, L. T. L.; Sales, R. E. da S.; Pedroso, J. da S., 2011. Execução: Leite, T. V. S.

No decorrer da pesquisa, verificou-se a existência de poucos trabalhos com esta problemática em relação à Amazônia. Assim, considera-se importante uma discussão acerca das concepções que as professoras e os professores adotam sobre o assunto. E, isso porque assim se pode contribuir com a ampliação do conhecimento científico no sentido de se repensar a realidade local.

A escolha do local de pesquisa se justifica por ser uma comunidade ribeirinha, próxima à zona urbana de Monte Alegre. Como se depreende de Pedroso (2010a, b) e de Simonian (2006), desde um passado remoto a região e esse município vem passando por um processo intenso de degradação natural a partir da interferência humana. Aliás, Sales (2011)

<sup>5</sup> Esse é um conceito polissêmico, ou seja, de muitos sentidos; para uma discussão sobre o mesmo, ver Simonian (2007), dentre outros autores.

também observou tal desdobramento no decorrer da pesquisa para sua dissertação de mestrado.

Fez-se a pesquisa com sete professores do ensino fundamental maior<sup>6</sup> da EEF de Pariçó, que atuam com as disciplinas educação física, ciências, geografia, artes e história. A escola é de porte pequeno, cuja estrutura física foi construída em alvenaria no ano de 2009. A mesma atende alunos não só da própria vila, como também das localidades próximas. Em 2010, essa escola atendeu a um contingente aproximado de 260 alunos.

Nesta escola, assim como em muitos currículos de escolas públicas, incorporou-se o ambiente enquanto questão e essa quase sempre é desenvolvida via projetos interdisciplinares. Mas, tais práticas não têm conseguido ultrapassar os muros da escola, visto que professores e alunos têm dificuldade em associar o meio ambiente ao seu cotidiano (Barreto, 2000). O que falta nesses casos é perceber a dinamicidade do conceito de ambiente, como uma construção histórica e social. De acordo com Dias (2000), desde tempos mais remotos, o ser humano interfere na natureza e sobre ela criou seu espaço de convivência, seu lugar social, em outras palavras, seu ambiente.

A pesquisa teve uma orientação interdisciplinar (Teixeira, 2004), com ênfase na análise de conteúdo Bardin (1977). Ao longo do texto, apresenta-se e analisa-se os dados coletados em campo. À medida que são citadas as respostas dos professores consultados, procurou-se articulá-las com as teorias disponíveis sobre a problemática em questão.

Ainda, note-se que nos últimos anos, o governo do Pará criou Unidades de Conservação – UC em Monte Alegre, a exemplo do Parque Estadual de Monte Alegre – PEMA, da Floresta Estadual – FLOTA do Paru e da Reserva Biológica Maicuru (Pará, 2011). A expectativa é a de que políticas públicas socioambientais sejam propostas e implementadas para essas áreas. Tal desdobramento por certo poderá contribuir para uma conservação mais efetiva dos recursos naturais, para um tratamento sustentável quanto ao ambiente e para uma qualidade de vida adequada para os habitantes.

A pesquisa teve como eixo norteador analisar quais as concepções que os professores do ensino fundamental da vila de Pariçó possuem sobre ambiente. Quanto à abordagem, decidiu-se pela pesquisa qualitativa. O instrumento utilizado consistiu em um roteiro de entrevista com quatro perguntas disparadoras. Nesse tipo de metodologia, o participante é

---

<sup>6</sup> Precisamente, da 6ª. à 9ª. série.

estimulado a discorrer livremente sobre o problema que constitui o foco de pesquisa; caso seja necessário, faz-se intervenções pequenas que visam reconduzir a entrevista ao seu propósito original.

Pactuou-se o horário das entrevistas com os participantes. Optou-se por entrevistá-los sempre no horário oposto ao seu turno de trabalho. A escolha do local, também foi opção dos participantes, pois alegaram que se sentiriam mais à vontade para serem entrevistados no espaço indicado.

Gravou-se as entrevistas, as quais foram transcritas e analisadas. Na análise dos dados, utilizou-se o método de “análise de conteúdo”, conforme proposto por Bardin (1977). O mesmo consiste de um conjunto de técnicas de análise por meio do qual se absorve o conteúdo e indicadores que permitam a inferência dos dados das mensagens captadas.

A questão da ética é fundamental em contextos de educação, de pesquisa e de produção acadêmica (Arroyo, 2007; Simonian, 2005). Como garantia da ética da pesquisa, manteve-se o anonimato dos participantes. Para a codificação das falas, criou-se nomes fictícios para cada um dos professores. São esses nomes que aparecerão ao longo o texto e não seus nomes de registro.

O que segue é uma discussão teórica sobre o conceito de ambiente e sua relação com políticas públicas; logo, aborda-se os conceitos múltiplos de ambiente; s seguir, apresenta-se resumidamente o contexto da vila Pariçó, o contexto da pesquisa realizada em 2009; então, trabalha-se as evidências levantados em campo a partir, respectivamente, de três abordagens, ou seja, da biocêntrica, da antropocêntrica e da globalizante, sendo que a finalização do paper se dá a partir das considerações finais.

## **2 CONCEPÇÃO TEÓRICA DE AMBIENTE**

Ao longo do processo histórico, a relação sociedade-natureza foi ressignificada à medida que o ser humano se percebia diferenciado do meio natural. Essas transformações contínuas se aceleram com o surgimento das cidades e a formação do sistema capitalista de produção (Dias, 2000). Tal sistema provocou a ruptura entre o humano e o natural, à medida

que introduziu a ideia de que o ser humano é superior à natureza e que essa foi criada para servir de recurso para sua sobrevivência.

Neste ponto, note-se que a definição de ambiente é algo complexo e que não há um consenso na literatura. Aliás, isso é o que dentre outros autores, Pedroso (2010a) e Roncaglio (2009) assinalam. Embora essa expressão seja complexa, polissêmica, mutável no tempo e no espaço, via de regra, a mesma tem sido defendida como tudo aquilo que circunscreve os seres vivos e as concepções que o ser humano possui sobre o meio natural.

Todavia, há de ressaltar-se a importância das políticas públicas e dos processos históricos no contexto ambiental. Precisamente na Amazônia brasileira, as políticas e as ações públicas dos anos pós 1970 vem sendo propostas e implementadas de modo antiambiente e anti-indígena (Simonian, 2007, 2000). Aliás, conforme Simonian (2000, p. 23), “[...] apesar de alguns avanços, as políticas públicas têm sido negativas quanto à sustentabilidade dos recursos naturais, à eficácia econômica e aos interesses sociais”. De alguma maneira, e quando efetivadas pela sociedade (setor empresarial, populações tradicionais<sup>7</sup> etc.), no mais das vezes essa segue tais orientações. Assim, o desflorestamento, as queimadas, a poluição das águas e do ambiente em geral são alguns dos desdobramentos ao longo das décadas passadas.

Do ponto de vista ecológico, o ambiente consiste em “[...] todas as condições e fatores externos, vivos e não vivos (substâncias químicas e energia) que afetam um organismo ou outro sistema específico durante seu tempo de vida” (Miller Júnior, 2007, p. 15). Oaigen *et al.* (2001) caracterizam o ambiente como o conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera e inclui clima, solo, recursos hídricos entre outros organismos vivos.

Ainda, dentre muitos argumentos, há o de que o ambiente é o resultado das ações antrópicas sobre a natureza, o que dá feições sociais e culturais a esse meio (Pedrini, 2008). Como processo em construção e, também, como produto, embora parcial e inacabado da ação humana, tal realidade reflete a cultura de um grupo social determinado. Por sua vez, Roncaglio (2009, p. 31) entende que “[...] ambiente é o conjunto de meios naturais ou artificializados da ecosfera onde o ser humano se instalou, explorando-os e administrando-os, e os conjuntos dos meios não antropizados necessários à sua sobrevivência”.

---

<sup>7</sup> Para uma abordagem crítica sobre populações tradicionais, ver Simonian (2007).

Neste sentido, o ambiente é compreendido como o lugar determinado ou concebido, cujos elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação contínua. Inclusive, é nessa direção que Reigota (2010) se posiciona. Precisamente e segundo seu entendimento, tais relações implicam em processos de criação cultural, tecnológica, histórica e social de transformação do meio natural que, por isso mesmo, é uma construção social.

Independente da perspectiva que se adote, o ambiente é no mais das vezes visto como um conjunto de recursos dos quais o ser humano pode lançar mão para garantir sua sobrevivência no planeta terra. Aliás, sempre considerou-se sua interferência nos ecossistemas como um procedimento natural e normal. E as sociedades sempre procuraram organizar suas relações para com o meio com a finalidade de garantir a produção e reprodução da vida.

Entretanto, o problema é que esta interferência foi movida, geralmente, mais por interesses econômicos. O problema, conseqüentemente, é que a questão biológica no sentido da garantia quanto à reposição ou reprodução de recursos tem contado pouco. Desse modo, não é de estranhar-se o descuido com o ambiente e as crises persistentes que a humanidade vem experimentando, enfrentando.

## 2.1 CONCEITOS MÚLTIPLOS DE AMBIENTE

Ao longo da pesquisa sobre as concepções de um grupo professores e de professoras sobre ambiente, trabalhou-se enfoques ou categorias de análise: o enfoque biocêntrico, o antropocêntrico e o globalizante. Uma das estratégias adotadas para interrelacionar esses três enfoques foi a de conceituar, analisar e fundamentar criticamente sobre cada um deles. Nesses termos, assumiu-se a teoria como central no processo de discussão.

Então, veja-se uma caracterização de cada uma destas concepções. Em seu entendimento, Reigota (2010) entende que no enfoque biocêntrico considera-se a natureza como um valor em si mesmo, independente do interesse humano. Portanto, o ser humano é considerado como qualquer outro ser vivo.

Pelo que Reigota (2010) ainda ensina, o enfoque antropocêntrico considera a natureza como uma fonte de recursos que precisam ser explorados pelo ser humano. Ainda na sua compreensão, a visão globalizante evidencia uma postura intermediária entre o biocêntrico e o antropocêntrico. Nessa abordagem, há um ponto de equilíbrio, uma fusão que se organiza a partir de relações recíprocas entre natureza e sociedade.

Os dados coletados evidenciam uma diversidade de entendimentos. Assim, a parte maior dos participantes possui a concepção biocêntrica (quatro professores), os demais possuem a visão antropocêntrica (dois participantes) ou globalizante (um professor). Algumas frases que exemplificam essas tendências podem ser observadas no Quadro 1.

Quadro 1: Concepções de ambiente dos professores

Concepção	Citações
<b>Biocêntrica</b>	<p>“Conjunto de condições, influências e interações de ordem física, química ou biológica” (Prof<sup>a</sup>. Adriana).</p> <p>“A natureza é sinônimo de ambiente” (Prof. Santos).</p> <p>“Os vegetais, os animais, as plantas, os peixes, o rio. É o meio natural” (Prof. Lara).</p> <p>“Espaço físico em que se vive” (Prof. Rocha).</p>
<b>Antropocêntrica</b>	<p>“Ambiente é o espaço que se vive e dele retiramos tudo o que precisamos pra viver” (Prof<sup>a</sup>. Margarida).</p> <p>“É todo local que ocupamos pra viver. Pode ser uma rua, a praça, a escola, o campo” (Prof<sup>a</sup>. Roseane).</p>
<b>Globalizante</b>	<p>“É o local onde deve haver o equilíbrio entre a natureza e tudo que o ser humano realiza” (Prof<sup>a</sup>. Sidna).</p> <p>“Se a gente quebra esse equilíbrio com a natureza tudo se desorganiza” (Prof<sup>a</sup>. Sidna).</p> <p>“A natureza se acabando, o [ser humano] também vai desaparecer” (Prof<sup>a</sup>. Sidna).</p>

Fonte: Pesquisa, 2010.

Como percebe-se a partir do Quadro 1, ainda predominam as concepções de ambiente dissociado do ser humano, no qual só existe a natureza que há de ser respeitada e preservada. Como posto por Diegues (1994), a concepção biocêntrica dá origem ao mito da “natureza intocada”, que precisa ser mantida perenemente para contemplação humana. As concepções antropocêntrica e globalizante representam a minoria dos entrevistados, mas já estão presentes em muitos discursos dos professores.

Como assinalado anteriormente, o conceito de ambiente não é único e nem universalmente aceito. As discussões de Reigota (2010) demonstram bem isso. Mais: para esse autor, o significado acerca de tal realidade não é somente científico, mas constitui-se no resultado das representações sociais diferentes que cada indivíduo possui.

O termo ambiente tem sido usado para indicar um “espaço” em que um ser vive e se desenvolve, com troca de energia e interações. Nesse contexto, os seres vivos são transformados e transformam o seu meio, o que revela a dialeticidade das relações ali estabelecidas. No caso dos seres humanos, ao espaço físico e biológico, soma-se o “espaço”

sociocultural. E com a interação envolvendo os elementos do seu ambiente, a humanidade provoca modificações que se transformam com o passar do tempo.

Por sua vez, ao transformar o ambiente, os seres humanos também mudam sua própria concepção a respeito da natureza e do meio em que vivem. Essa é uma problemática que vem sendo trabalhada interdisciplinarmente (Simonian, 2007). Mas muito há que se avançar quanto à produção científica a respeito, principalmente, porque os humanos são insaciáveis quanto ao uso dos recursos naturais existentes no ambiente em que vivem, sem uma preocupação efetiva quanto ao devir.

### 3 A VILA DE PARIÇÓ NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE MONTE ALEGRE, PARÁ

Pariçó é uma vila do município de Monte Alegre e da parte baixa do rio Amazonas (Figuras 2-3), com uma ocupação humana antiga. Conforme levantamento feito *in locus* por Simonian (2001), ali os indígenas viviam quando da chegada dos europeus. Aliás, o município como um todo é pleno em evidências arqueológicas.



Figura 2: Vista aérea da cidade de Monte Alegre, PA.  
Fonte: Google, 2011.



Figura 3: Vista aérea da vila Pariçó.  
Fonte: Google, 2011.

No período colonial e imperial, as forças politicoeconômicas submeteram esta mesma vila e sua população ao capitalismo mercantil. Assim, como documentado por Ferreira (1908, *apud* Simonian, 2006), durante o século XVIII, ali participou-se do processo de produção de cuias (*Crescentia cujete* L. – BIGNONIACEAS), de cerâmica e de outros bens comercializados e valorizados à época. E, reduziu-se drasticamente a população indígena local, isso para não se falar em genocídio ou em etnocídio.

Na passagem do século XIX para o século XX, Pariçó floresceu economicamente. Dentre os produtos de destaque, havia charque ou carne seca, lenha para combustível dos navios, produtos que eram exportados pelo porto local (Pariçó, 2009). É provável que ali os moradores também tenham se integrado ao processo de produção de balata, principalmente a partir do rio Maicuru, o qual, segundo Simonian (2006), se estendeu até os anos de 1970.

Recentemente, Pariçó se consolidou como uma vila dinâmica. E conta com certa infraestrutura (Figura 4). Ainda, segundo Pariçó (2009, não paginado), tem um “[...] povo hospitaleiro, com vocação para o turismo, apresentando para os visitantes: sítios arqueológicos com fragmentos de utensílios indígenas [...], balneário no rio Gurupatuba, artesanatos como cuias, esteiras [de palha] cordas de laço, além dos [...] pratos típicos [deliciosos]”. Também, um festival (Figura 5) e a festa religiosa principal (Figuras 6-7) têm

cativado os turistas, em especial, da região mais próxima, e ainda os seguidores da Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR.



Figura 4: EEF de Pariçó em fase final de construção.  
Fonte: Vila, 2009.

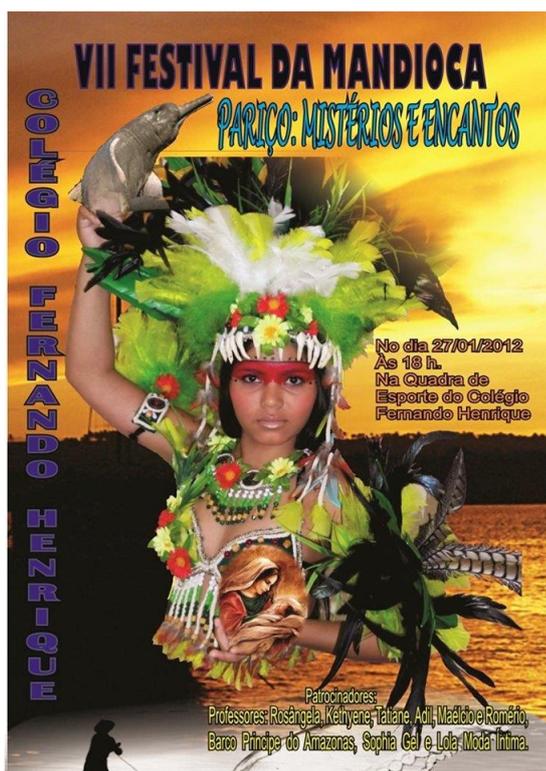


Figura 5: Cartaz do Festival da Mandioca de 2012.  
Fonte: Festival, 2012.



Figura 6-7: Aspectos da Festa de Santa Maria; maio de 2011.

Fonte: Fotos de Pedro Édipo (Festejos, 2011).

Pelo que se percebeu a partir das entrevistas, a população de Pariçó tem ultimamente apostado na educação. A construção recente de prédio para a EEF local foi resultado de suas demandas. E, pelo que se pôde observar, as políticas públicas no âmbito socioeconômico do Estado brasileiro estão contribuindo para a melhoria das condições de vida dos residentes dessa vila.

#### **4 ANÁLISE DO MATERIAL DE CAMPO SEGUNDO A CONCEPÇÃO BIOCÊNTRICA**

O enfoque biocêntrico consiste em uma perspectiva segundo a qual todas as possibilidades de vida são igualmente importantes. Assim, não é a humanidade o centro da existência. Na concepção de Castro (2009), o biocentrismo preocupa-se com a vida em todas as possibilidades existentes: vegetal, animal, nesse caso, humana e não humana.

Em certa medida, os argumentos do biocentrismo surgido em meados do século XIX receberam muita influência do determinismo e do evolucionismo de Darwin. Em sua concepção excessivamente naturalista, a análise biocêntrica também sugere que a natureza só estará livre dos prejuízos causados pelo ser humano. Especialmente, quando houver uma redução das ações humanas sobre o meio, bem como uma redução no próprio crescimento populacional mundial.

Também, este enfoque concebido por Dias (2000), Reigota (2010) e Rezler (2008) como visão naturalista considera o ambiente como sinônimo de natureza, onde os elementos da primeira natureza – ou natureza intocada – têm importância maior. Nessa direção, o ser

humano e sua posição no ambiente são quase desconsiderados. Assim, a concepção de ambiente como natureza original e intocada predomina sobre a segunda natureza ou artificial, construída a partir das relações do ser humano com a natureza.

Os dados da pesquisa demonstraram que muitos professores concebem o ambiente de modo romântico, ingênuo. Acreditam que a natureza humana é intrinsecamente “boa” e não percebem que o ser humano possui necessidades que precisam ser atendidas a partir do contato com seu meio. Dentre elas, tem-se as de natureza social, econômica, cultural, política, estéticas etc.

#### Segundo depoimentos de alguns professores

A natureza é o ambiente propriamente dito e sem ele a gente não vive. Todas as plantas, os peixes, os animais e tudo quanto é bicho de maneira geral (Prof. Santos).

Temos o solo, o clima, o ar, os nutrientes e os outros organismos. Tem também os animais, os peixes, as árvores que andam ameaçadas devido a devastação florestal, é muita coisa que faz parte do ambiente [...] (Prof<sup>a</sup>. Lara).

Tais relatos demonstram que o ambiente é sinônimo de natureza. Essa é uma maneira reducionista de concebê-la, pois desconsidera o ser humano e suas ações na transformação do espaço. Também, é uma percepção estática do ambiente cuja ênfase está nos demais seres vivos, como árvores e animais. O ser humano quando é lembrado “recebe” a culpa por sua intervenção predatória sobre o meio.

Na perspectiva biocêntrica, o ambiente consiste no conjunto de condições que envolvem e sustentam os todos os seres vivos indistintamente no interior da biosfera. O mesmo inclui elementos como o clima, recursos hídricos e outros organismos. Portanto e conforme Rezler (2008), o somatório das condições que atuam sobre tais organismos.

A partir de uma leitura crítica da produção acadêmica especializada, em particular de Brasil (1998) e de Dias (2000), o que se nota é que as pessoas não são intrinsecamente “boas” nem “más”. De fato, elas são capazes tanto de gestos construtivos de efeito e de generosidade quanto de egoísmo e de destruição. No entanto, a sociedade humana pode ser viável, mas quando o comportamento das pessoas se pauta pela ética.

Em Pariçó, há professores que concebem o ambiente como natureza, com o ser humano dissociado. Nessa perspectiva, esse ser é dependente da natureza para sua própria sobrevivência. Em parte do que se ouviu em campo durante as entrevistas, o ser humano

aparece como alguém que destroi e polui, mas que tem, simultaneamente, a obrigação de preservar a natureza.

Em outros relatos, os professores desta mesma vila apresentam informações sobre quais elementos formam o ambiente, porém sem articulação entre si.

O ambiente é composto por uma grande diversidade de espécies animais e vegetais, água, microorganismos, etc. Há um grande aglomerado de vida em cada ecossistema dentro desse grandioso planeta terra. Também entendo o ambiente onde os seres bióticos e abióticos (Prof. Rocha).

Ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química ou biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas (Prof<sup>a</sup>. Adriana).

Tais professores afirmam que o ambiente é formado por fatores bióticos – precisamente, plantas e animais – e abióticos – a saber, água, solo, vento, nuvens, porém sem uma nítida interrelação entre esses elementos. Tais aspectos são admitidos como “paisagens” que não de ser contempladas, admiradas e não como recursos que podem ser utilizados pelo ser humano. Também, não percebem que a trama ecológica só se realiza com a interação entre esses elementos e entre eles e o ser humano.

As concepções de ambiente têm que superar as lacunas entre o ser humano e o meio natural. Aliás, esse é o entendimento de Bergmann e Pedrozo (2007), o qual aponta para a importância de se reconhecer os vínculos entre a diversidade biológica e cultural. Sob esse ponto de vista, o ambiente é formado pelos elementos que ainda estão como a natureza os fez, isso é, não sofreram a intervenção humana.

No pensamento de mito de natureza intocada, as ações antrópicas seriam prejudiciais ao ambiente, que também é percebido como sinônimo de natureza. A seguir, tem-se algumas entrevistas que exemplificam a concepção de ambiente com a ausência da ação humana.

O ambiente é a natureza que vem a cada dia que passa sendo destruída indistintamente pelos homens inclusive até aqui na nossa comunidade. Muito dos nossos alunos já trazem de casa essa ideia de que o ambiente é a natureza e precisa ser cuidada (Prof. Santos).

Assim, verifica-se que o ambiente é encarado como objeto e não como relação. O ambiente é um produto onde se excluem as relações sejam elas com os demais elementos da natureza ou com os seres humanos.

Outras entrevistas confirmam esta concepção quando afirmam que o ser humano está dissociado do ambiente.

O ser humano não faz parte do ambiente não. Ele, na verdade, é o principal destruidor do ambiente. Se o [ser humano] tivesse um pouco mais de juízo a natureza ainda estava preservada, mas isso não acontece e tudo acaba sendo destruído (Prof. Rocha).

O ser humano não faz parte do ambiente quando ele deixa a natureza viver, ele não destrói o ambiente, quando ele não polui. Esse é o que seria o certo, nós aqui e o ambiente lá. Mas, quando o ser humano faz parte do ambiente aí desgraça tudo, ele destrói, devasta, usa o ambiente de modo indiscriminado (Prof. Lara).

A crítica a essa maneira de pensar o ambiente está no fato de que não existe uma natureza intocada pelos seres humanos. Precisamente, porque a espécie humana faz parte da trama da vida no planeta terra e habita e interage com os ecossistemas mais diferentes, a saber, há milhões de anos a pensar-se nos hominídeos; ou há cerca de 100 mil anos, a considerar-se o *Homo sapiens*.

É a partir do biocentrismo que surge a perspectiva preservacionista do ambiente. Como abordado em Brasil (1998) e no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, a preservação consiste na ação de proteger contra a destruição e qualquer modalidade de dano ou degradação de um ecossistema, isso por meio de medidas preventivas ou de vigilância adequada. Em outras palavras, preservar implica no princípio da intocabilidade: não usar ou não permitir qualquer intervenção humana significativa.

Na abordagem biocêntrica, a ideia subjacente é que, mesmo que os ecossistemas fossem totalmente antropizados, haveria de existir espaços do mundo ainda com suas características naturais em estado primitivo, anterior à intervenção humana. Mas, para que isso pudesse acontecer seria necessário extinguir o ser humano do contato com certas áreas naturais. Só desse modo se garantiria que a natureza fosse efetivamente protegida. Seria mantida uma natureza virgem e intocada, é essa a ideia que sustenta a criação de áreas protegidas como os parques ecológicos. Nesse refúgio, a natureza seria admirada, protegida e reverenciada quase como se fosse uma divindade ou um ser espiritual.

Por meio das entrevistas com os professores, pode-se perceber esta visão romântica de natureza. Inclusive, a partir dos relatos coletados há aqueles que admitem que “deus” criou o ambiente para contemplação. Nesses termos, forja-se o conceito de natureza passiva, cuja

finalidade seria a apreciação estética da vida selvagem, como uma espécie de sacralização da mesma.

Em tese, este pensamento reproduziria o mito do paraíso perdido, lugar desejado e procurado pelo ser humano depois de “[...] sua expulsão do Éden” (Diegues, 1994, p. 11). Visto como mito moderno da natureza intocada, o conceito de ambiente consistiria apenas em um recorte ecológico. Ele seria sinônimo de natureza, representado pelos ecossistemas e pela diversidade biológica.

## 5 ANÁLISE DO MATERIAL DE CAMPO SEGUNDO A CONCEPÇÃO ANTROPOCÊNTRICA

Em sua acepção clássica, o antropocêntrico implica em uma abordagem que faz do ser humano o centro de um determinado universo em cuja órbita os demais seres gravitam, em papel meramente subalterno e condicionado. É a consideração do ser humano como eixo principal de um sistema determinado, ou ainda, do mundo conhecido (Roncaglio, 2009). Em última análise, mesmo que se considere “centro”, o ser humano distancia-se dos demais seres e, de certa maneira, porta-se diante deles em atitude de superioridade absoluta, abertamente antagônica<sup>8</sup>.

A concepção ambiental antropocêntrica se refere ao entendimento do ser humano como elemento central que se utiliza da natureza para melhorar sua qualidade de vida. Em outras palavras, tudo no universo precisa ser avaliado em sua relação com o ser humano. No entendimento de Bezerra e Gonçalves (2007), esse enfoque é que dá origem à abordagem conservacionista.

Dentre os relatos principais, tem-se:

O ambiente é o espaço que se vive e dele retiramos tudo o que precisamos pra viver (Prof<sup>a</sup>. Margarida).

O ambiente é todo local que ocupamos pra viver. Pode ser uma rua, a praça, a escola, o campo, enfim tudo que tem uma utilidade pro [ser humano] (Prof<sup>a</sup>. Roseane).

---

<sup>8</sup> Surgem assim as relações de dominador x dominado e de razão x matéria; a respeito, ver Marx (1990, 1977, n. d.).

O enfoque antropocêntrico funda-se na concepção de superioridade da humanidade, traz em si o traço da segregação, e serve de substrato à ação dominadora do ser humano sobre os outros seres vivos. Como reduz a natureza a um elemento a ser usado, o sistema utilitarista se aproveita da diversidade entre as espécies para justificar, nas suas diferenças, a exploração humana sobre os outros seres vivos. Assim, a natureza e os animais deixam de ter um valor em si, transformando-os em recursos a serem expropriados.

Nas entrevistas que incluem o ser humano nas suas respostas, esse ser é enquadrado como um ponto dissonante do ambiente, isto é, como responsável apenas pela destruição da natureza. Em outro relato, uma entrevistada destaca que o ambiente tem que servir de recurso à exploração e dominação humana:

O enfoque antropocêntrico funda-se na concepção de superioridade da humanidade, traz em si o traço da segregação, e serve de substrato à ação dominadora do ser humano sobre os outros seres vivos.

O ambiente é de onde vem os recursos pra gente viver. Eu vejo assim: da natureza vem as matérias-primas, as riquezas minerais, os produtos pra gente comer e, em alguns casos, dá até pra vender (Prof<sup>a</sup>. Margarida).

A concepção antropocêntrica privilegia a utilidade dos recursos naturais para a sobrevivência do ser humano. Para os PCN (1998), essa corrente considera os elementos produzidos ou transformados pela ação humana, que pode se chamar de elementos construídos do ambiente. Nessa categoria de elementos, citam-se as matérias-primas processadas, objetos de uso cotidiano, construções ou cultivos.

Em determinados sistemas prevalecem os elementos adaptados pela sociedade humana, como cidades e áreas industriais, praias urbanizadas, plantações, dentre outros exemplos mencionados nas entrevistas. Segundo Leff (2009), esse enfoque se destaca pela presença de ações antrópicas. O mesmo autor define as ações antrópicas como toda ação provinda dos seres humanos. As consequências dessas ações podem incluir fatores de dinâmica populacional, uso e ocupação do solo, a produção cultural e também as ações de proteção e recuperação de áreas degradadas.

Em outra entrevista, a professora utiliza-se de argumentos de que o ser humano pode aproveitar de maneira mais eficiente e racional a natureza.

Eu penso que o ambiente foi criado para o aproveitamento do [ser humano]. Ele tem tudo que a gente precisa pra viver bem. Todas as riquezas vem da natureza. Só que nós não estamos sabendo aproveitar bem elas. A natureza por si só é muito devagar pra se recuperar, é aí que entra o [ser humano] pra usar ela de forma racional e eficiente. Hoje se fala muito em manejo. Eu penso que manejo é tirar da natureza tudo que se precisa sem devastá-la totalmente. Temos que saber usar se não ela se acaba. Outra coisa é que as pessoas tem que ter consciência e evitar o desperdício [...] (Prof<sup>a</sup>. Roseane).

Nessa concepção, a natureza é frequentemente lenta e os processos de manejo podem torná-la eficiente. A mesma está ancorada em três princípios: uso de recursos naturais para a geração presente, a prevenção do desperdício e o uso dos recursos naturais para benefício da maioria das pessoas.

Uma das principais críticas ao pensamento antropocêntrico é sua tentativa de conciliar a dominação capitalista com a manutenção e a utilização (desigual) dos recursos do planeta. Conforme Dias (2000), essa concepção representa uma defesa do sistema de crescimento capitalista, responsável principal pela crise ambiental mundial. A ideia de crescimento econômico proposta pelo sistema politicoeconômico atual traz consigo uma quantidade significativa de impactos ambientais que não são contabilizados, como o aumento da pobreza, da violência, da precariedade da saúde pública, do desemprego, entre outros aspectos sociais.

A crítica de Reigota (2010) sobre tal concepção é que os impactos ambientais não incluem somente o extermínio da natureza, mas incluem também a degradação da sociedade humana. No seu entender, o antropocentrismo considera o ambiente um “monólogo”. Em outras palavras, a natureza é passiva e, frequentemente, só ficam evidentes as concepções sobre o ser humano. Inversamente da perspectiva biocêntrica, aqui se esquece de um dos elementos, só que nesse caso não é o ser humano, mas é a natureza que não é lembrada.

## **6 ANÁLISE DO MATERIAL DE CAMPO SEGUNDO A CONCEPÇÃO GLOBALIZANTE**

A concepção globalizante demonstra que o ambiente é muito mais do que os ambientes naturais que se costuma imaginar e que permite ter uma visão que considere as relações recíprocas entre natureza e sociedade (Reigota, 2010). Essa concepção considera ambiente a natureza, o ser humano e suas ações. E argumenta que o conceito de ambiente há

de ser dialógico e envolver tanto a natureza como o ser humano, em um processo conflitivo de interrelação.

Dias (2000) argumenta que o ambiente “globalizante” é composto por um ambiente natural composto pela flora, ar, água, solo e fauna; ambiente artificial pelos espaços; ambiente cultural que são as obras de arte e demais elementos formadores de uma cultura e, finalmente, por um ambiente do trabalho. A visão globalizante evidencia as relações recíprocas entre a natureza e a sociedade. Concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas.

Este enfoque implica em uso apropriado do ambiente dentro dos limites capazes de manter sua qualidade e seu equilíbrio em níveis aceitáveis. E somente uma professora indicou em sua resposta a concepção globalizante:

Eu penso que seja assim: o ambiente é o local da sobrevivência humana, mas pra nós sobrevivermos tem que existir um equilíbrio entre os animais, as plantas e aquilo que o ser humano realiza. Se a gente quebra esse equilíbrio com a natureza tudo se desorganiza. A natureza se acabando o [ser humano] também vai desaparecer. Esse equilíbrio é vital para manter tanto a sociedade como a natureza funcionando [...] (Profª. Sidna).

A partir desse depoimento é possível interpretar que há implícito nele um “equilíbrio ecológico”, ou seja, ecológico não no sentido de meio natural, mas de manutenção da vida natural, o que inclui a humana.

O ambiente é caracterizado como as relações entre a natureza e a sociedade. Engloba aspectos naturais políticos, sociais, econômicos, filosóficos e culturais. O ser humano é compreendido como ser social que vive em comunidade. Em outro relato, a professora ressalta a interação entre os aspectos diversos que compõem o ambiente:

Para mim, o ambiente é o contexto onde estão inseridos todos os elementos da natureza: pode ser seres vivos, minerais, rios e até mesmo ruas e casas constituem esse ambiente. E neste sistema ocorre a todo o momento interações entre seus diferentes elementos (Prof. Sidna).

Essa representação evidencia as relações recíprocas entre natureza e sociedade. Caracteriza-se por destacar as interações complexas entre os aspectos sociais e naturais, como também os aspectos, políticos, econômicos, filosóficos e culturais. O ser humano é compreendido enquanto ser social que vive em comunidades.

Na perspectiva de Diegues (1994), a concepção globalizante se fundamenta em três princípios:

a) Na de que o ser humano e o ambiente que o cerca é ao mesmo tempo seu processo e seu produto. Vê o ambiente sob a perspectiva holística: é ao mesmo tempo *meio* (natureza) e *ambiente* (natureza transformada pela ação humana, segunda natureza).

b) Considera a natureza como parte da história humana. Não se trata de voltar atrás para reencontrar uma harmonia perdida, como no biocentrismo. A natureza é sempre histórica e a história sempre natural. Então, o problema que se coloca hoje é encontrar o estado da natureza conforme a situação histórica atual.

c) A coletividade e não o indivíduo se relaciona com a natureza. A sociedade junto com a natureza compõe o ambiente, conseqüentemente, a sociedade é produto do mundo natural por um trabalho de intervenção constante. O ambiente é, portanto, ao mesmo tempo processo e produto embora esse inacabado, de um processo dialético entre sociedade e natureza.

Por sua vez, para Reigota (2010), a representação globalizante mostra as interações entre os aspectos sociais e naturais, não há nenhuma aproximação ao significado do termo globalização. Pode ser chamada de sistêmica, numa perspectiva de relação/interação, dependência/equilíbrio, inclusão/globalidade e responsabilidade. Para tanto, a sociedade precisa gerir, ou seja, ordenar e reordenar constantemente sua relação com o mundo natural.

Em mais outro trecho de sua entrevista, a professora responsabiliza o ser humano pela gestão dos recursos naturais, como forma de garantir sua própria sobrevivência.

O ser humano é o responsável pela manutenção da natureza. Caso não façamos isso tudo vai se acabar. Há um equilíbrio entre tudo que fazemos, a natureza e o meio em que vivemos. Se esse equilíbrio for rompido, então não só a natureza sofrerá as conseqüências, mas nós também estaremos com nosso futuro comprometido. São poucos os que pensam assim, infelizmente [...].

Outra questão é sobre as atividades que são desenvolvidas na escola em torno do tema ambiente. Muitos ainda pensam que o ambiente é só a natureza, e isso é um erro. Temos que saber que também as pessoas estão envolvidas nisso. É uma pena que muitos colegas professores não saibam definir corretamente o que é o ambiente [...] (Prof<sup>a</sup>. Sidna).

Dias (2000) argumenta que tal compreensão é uma realidade distante das escolas e dos professores brasileiros. Um dos fatores que leva a esse fato é a impossibilidade de boa parte

dos professores de incorporarem espontaneamente questões que perfazem a totalidade do problema.

Ainda, há uma crítica ao modelo de currículo e na formação dos professores, onde um número significativo de cursos superiores fragmenta o assunto, ora com predominância do elemento natural, ora com predominância do elemento humano. No entender de Roncaglio (2009), a concepção globalizante é muito mais do que os valores do biocentrismo ou do antropocentrismo. Ela consiste em uma luta que se pauta na importância da equidade, da diversidade, da democracia e da sustentabilidade, em respeito à cultura e ao direito tanto das populações tradicionais como dos habitantes dos centros urbanos de porte grande.

Neste enfoque, verifica-se a interação complexa de configurações biofísicas, econômicas, sociais, políticas, filosóficas e culturais. No mesmo, reivindica-se o direito coletivo à natureza. Isso por intermédio do acesso e da utilização dos recursos, em respeito aos saberes locais, na superação de uma ordem excludente, em respeito ao ambiente e à diversidade cultural.

## **7 CONCLUSÕES**

A partir da teoria sobre o ambiente e as relações que com o mesmo os seres humanos estabelecem, construiu-se no decorrer da pesquisa e análise das entrevistas três concepções de ambiente: biocêntrica, antropocêntrica e globalizante. Encontrou-se, a concepção biocêntrica nas entrevistas com as professoras e os professores da área de ciências naturais ou áreas afins. Tal concepção de ambiente se explica, em parte, a partir do cenário geográfico em que vivem os participantes da pesquisa, uma comunidade ribeirinha onde os elementos mencionados são os que ficam mais evidentes na percepção dessas pessoas.

Os que têm formação na área de letras e artes conceberam ambiente pelo enfoque antropocêntrico. Os que pensam ambiente na concepção globalizante são as professoras e os professores da área ciências humanas e desvinculam o conceito de ambiente da visão tradicional biocêntrica. Para superar a dificuldade que as professoras e os professores possuem em conceber o ambiente, sugere-se incorporar no cotidiano da escola, via projetos interdisciplinares, atividades e experiências práticas da realidade do local, bem como questionar o conceito de ser humano e as concepções de natureza arraigada na própria existência.

As atividades práticas em ambiente têm, portanto, um potencial enorme para a construção dos valores que suporta tal conceito, como foi o caso da pesquisa realizada com os professores da EEF de Pariçó. Esse conceito precisa ser ressignificado, pois há de incluir-se a dimensão humana. E isso para que se possa percebê-lo de modo apropriado e, a partir disso, construir uma modalidade nova de educação, qual seja, uma educação *ambiental*, no sentido pleno do termo.

Pode-se afirmar, com base na experiência e na reflexão, que uma atividade que envolve uma concepção sobre o ambiente contém em si o potencial de educar. Mas, isso se o significado de tal concepção for compreendido pelos participantes. Assim, conceber o ambiente na contemporaneidade significa entrar em contato com um mundo que além de complexo tem sua existência negada e sacrificada no cotidiano.

## Referências

ARROYO, M. G. Conhecimento, ética, educação, pesquisa. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, PUC, v. 2, n. 2, p. 1-24, 2007. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETTO, E. S. de S. (Org). *Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

BERGMANN, M; PEDROZO, C. S. Percepção ambiental de estudantes e professores do município de Giruá, RS. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 19, p. 139-156, 2007. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol119/1rt12v19a11.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2009

BEZERRA, T. M. O; GONÇALVES, A. A. C. *Concepções de ambiente e educação ambiental por professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão, PE*. Recife: UFRPE, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ambiente e saúde*. Brasília, 1998.

CASTRO, A. M. *Antropocentrismo, biocentrismo e direitos dos animais*. Salvador: Instituto Abolicionismo Animal, 2009.

DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. 7 ed. São Paulo: Gaia, 2000.

DIEGUES, A. C. S. A. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB, 1994.

*FESTEJOS de Santa Maria da vila de Pariçó*. [Série de fotos]. Mai. 1911. Não paginado. Disponível em: <<http://www.montealegre.rec.br/albun8/parico/index.html>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

*FESTIVAL da Mandioca*: Pariçó – mistérios e encantos. Cartaz. Pariçó, 2012. Disponível em: <<http://pt-br.facebook.com/pages/PARI%C3%87%C3%93/284738234880772#!/photo.php?fbid=327219637299298&set=pu.284738234880772&type=1&theater>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

LEFF, H. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARX, K. Introdução a uma crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: *Temas de Ciências Humanas*. n. 2. São Paulo: Grijalbo, 1977.

\_\_\_\_\_. *O 18 Brumário*. São Paulo: Editora Mandacaru, 1990.

\_\_\_\_\_. As lutas de classe na França (1848-1850). In: *Textos*. v. 3. São Paulo: Alba-Ômega, n. d.

MILLER JÚNIOR, G. T. *Ciência ambiental*. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

OAIGEN, E. R. *et al. Educação, ambiente e educação ambiental: as concepções históricas e epistemológicas da sociedade atual*. Canoas, RS: ULBRA, 2001.

PARÁ. *Plano anual de outorga florestal do estado do Pará – 2012*. Belém: IDEFLOR, 2011. 54 p., mapas. Disponível em: [http://www.ideflor.pa.gov.br/files/u3/PLANO\\_ANUAL\\_DE\\_OUTORGA\\_FLORESTAL\\_2012-final.pdf](http://www.ideflor.pa.gov.br/files/u3/PLANO_ANUAL_DE_OUTORGA_FLORESTAL_2012-final.pdf). Acesso em: 05 out. 2011.

PEDRINI, A. G. *Educação ambiental: reflexões e práticas*. 6 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

PEDROSO, J. da S. Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru: um estudo sobre sustentabilidade e atividades humanas. In: SIMONIAN, L. T. L. (Org.). *Políticas públicas, desenvolvimento, unidades de conservação e outras questões socioambientais no Amapá*. Belém: Editora do NAEA; MPEA, 2010. p. 267-286, il.

\_\_\_\_\_. *Observações sobre a questão da produção social do ambiente no decorrer da orientação da dissertação intitulada “Concepções de professores sobre meio ambiente: um estudo em uma escola na Amazônia”, de autoria de Reinaldo Eduardo da Silva Sales*. Anotações feitas por R. E. S. Sales. Santarém, 2010b. (Arquivo pessoal de R. E. S. Sales).

REIGOTA, M. *Ambiente e representação social*. Cortez: São Paulo, 2010.

REZLER, M. A. *Concepções e práticas de educação ambiental na formação de professores*. Londrina: UEL, 2008.

RONCAGLIO, C. *Sociedade sustentável*. Curitiba: IESDE, 2009.

SIMONIAN, L. T. L. Tendências recentes quanto à sustentabilidade no uso dos recursos naturais pelas populações tradicionais amazônicas. In: ARAGÓN, E. (Org.). *Populações e meio ambiente na pan-Amazônia*. Belém: Editora do NAEA/UFPA, 2007. p. 25-44, il.

\_\_\_\_\_. Relações de trabalho e de gênero nos balatais da Amazônia brasileira. In: SCHERER, E. F.; OLIVEIRA, J. A. (Org.). *Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 195-232, il.

SIMONIAN, L. T. L. Pesquisa em ciências humanas e desenvolvimento entre as populações tradicionais amazônicas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 1, n. 2, p. 119-134, 2005.

\_\_\_\_\_. *Notas de campo e série de fotografia produzidas na vila de Pariçó*. Pariçó/Monte Alegre, 2001. (Arquivo pessoal de L. Simonian).

\_\_\_\_\_. Políticas Públicas, desenvolvimento sustentável e recursos naturais em áreas de reserva na Amazônia brasileira. In: COELHO, M. C. N; SIMONIAN, L.; FENZL, N. (Org.). *Estado e políticas públicas na Amazônia: gestão de recursos naturais*. Belém: CEJUP: UFPA-NAEA, 2000. p. 9-54.

*VILA de Pariçó: um pouco de nossa história*. [Texto, fotos]. 20 out. 2009. Disponível em: <<http://www.viladeparico.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 nov. 2011.